

“Gênero, raça e cidade” por Carol Dartora

Em 18 de março de 2021, foi realizada palestra *online* com a vereadora Carol Dartora, organizada pelo Projeto Academia UniBrasil em parceria com o curso de Pedagogia, contando com a mediação das professoras Andréa Mayer Veiga e Carla Regina França. O tema do encontro foi “gênero, raça e cidade”, assuntos que a palestrante aborda e enfrenta na sua vida política e pessoal. Ana Carolina Moura Melo Dartora é professora, historiadora, feminista, militante, mestra em Educação e foi a terceira candidata mais votada para a Câmara Municipal de Curitiba em 2020, tornando-se a primeira mulher negra a se eleger na capital paranaense.

AUTORAS

Amélia Sampaio Rossi - doutora e mestre em Direito do Estado, com pós-doutorado na PUC-PR; professora permanente do programa de mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas da PUC-PR; professora titular de Direito Constitucional.

Mariana Garcia Tabuchi - mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas; especialista em Criminologia e Direito Penal; bacharel em Direito.

Para abordar a temática do evento, Carol Dartora contou que foi a disputa para vereança que trouxe a necessidade de compreender mais a fundo a questão urbana e as contradições que atravessam a cidade. Em especial, as reflexões se desenvolveram a partir de uma questão-chave: como gênero e raça interferem na organização da vida urbana?

A partir dessa indagação e da memória de uma experiência pessoal – o desconforto com o simples ato de se sentar em uma praça pública em Curitiba – a vereadora explicou como o racismo e o machismo se materializam e estruturam a cidade, constatando que o espaço público não foi criado para mulheres.

Primeiramente, no que tange às desigualdades de raça, salientou a forma como os longos anos de escravização no Brasil e de “abolição inacabada” resultaram em um abandono das pessoas negras, na sua exclusão do mercado de trabalho, na favelização dos morros e na criação de estereótipos e estigmas. Negras e negros, cuja mão de obra foi essencial para a construção do país, não herdaram os frutos de seu próprio trabalho, foram impelidos à pobreza e vinculados à imagem de “vagabundos”, processo que resultou numa desigualdade econômica profunda e numa cultura racista no país.

Por sua vez, quanto às desigualdades de gênero, observou a vereadora que as mulheres não foram inseridas da mesma forma no mercado de trabalho em comparação aos homens, uma vez que foram relegadas ao trabalho doméstico e ao ambiente privado. A luta feminista surgiu, assim, pela demanda dessa inserção, por igualdade e por aquisição de poder econômico. Porém, ressalva-se as diversidades existentes dentro do próprio movimento feminista, que não pode ser visto apenas pela ótica das demandas das mulheres brancas. Afinal, enquanto estas lutavam para entrar no mercado de trabalho, às mulheres negras outros serviços já haviam sido impostos.

Observou Dartora, assim, que tais discriminações e desigualdades se expressam no circuito urbano. A cidade expressa as desigualdades de várias formas, como por



Carol Dartora

exemplo, na existência de monumentos vinculados ao imaginário branco/eurocêntrico. Em Curitiba, especialmente, aponta-se para um processo de especulação imobiliária, que empurra as pessoas negras e pobres para fora da cidade. Não à toa, não se encontram negros e negras em determinados bairros, o que corresponde à disparidade econômica dessa população. Há uma nítida separação entre a área norte e a área sul da capital, sendo que na primeira se observa a maior renda per capita e na última, a menor. Vislumbra-se, por conseguinte, uma discriminação de classe e raça no espaço urbano.

Por outro lado, não há direito à cidade para as mulheres; o ambiente público não é pensado para elas. Assim, muitas vezes as mulheres são alvos de assédio, violência e estigma quando transitam na cidade. Além disso, as praças pouco iluminadas, a ausência de mobiliário urbano, as políticas de mobilidade, a estruturação da moradia desfavorecem esse setor. Um exemplo dado por Dartora são as linhas de ônibus de Curitiba, entre 14h e 17h, que interligam a região norte e sul. São nesses horários que as mulheres negras empregadas domésticas mais precisam do transporte público, porém, faltam linhas de acesso para que façam os percursos

até às residências em que trabalham.

Esse processo – de não olhar para as mulheres que se encarregam do trabalho de cuidado – também é reflexo da disparidade de gênero na formulação e organização da administração pública. Nesses termos é que a vereadora sublinhou a necessidade das mulheres na política, para que se estabeleça o direito de transitar, o direito de mobilidade, o direito de não ser assediada e violentada, o direito de se sentir confortável em sentar-se em uma praça, em suma, o direito à cidade.

Em resposta às perguntas feitas à palestrante, e dando continuidade ao debate, Carol Dartora abordou temas como a necessidade de enfrentar o racismo no ambiente escolar, a importância da representatividade de mulheres negras lecionando e a obrigatoriedade de abordar a história e cultura afro-brasileira na educação (lei 11.645/2008). Observou, ainda, os impactos da pandemia da Covid-19 na cidade de Curitiba e o necessário enfrentamento e trabalho de conscientização nessa seara. Também ressaltou a importância da mídia e das redes sociais como espaço de interação direta com a população e promoção de reeducação social, ressaltando-se, no entanto, as mazelas trazidas por esse instrumento, especialmente a disseminação de discursos de ódio. A vereadora reafirmou, por fim, a necessidade do debate interseccional e da luta histórica das mulheres negras da política.

Feminismo decolonial

Se faz necessário situar o discurso que tem estabelecido uma crítica ao feminismo clássico, ou da chamada primeira onda. Essa crítica encontra sua origem no feminismo negro que denuncia o fato de que as correntes feministas inicialmente se referem e se aplicam às necessidades das mulheres brancas e burguesas, não abrigando as mais variadas outras formas de ser mulher.

Nesse sentido, é importante sublinhar a sintonia da fala de Carol Dartora com a perspectiva do feminismo decolonial que, segundo Yuderkis Espiñosa-Minoso¹, é um feminismo que elabora uma genealogia do pensamento marginal produzido por mulheres feministas negras e não brancas (mulheres de cor, latinas, indígenas, asiáticas) e que se encontra comprometido com desmantelar a matriz múltipla de opressão

de gênero, assumindo um ponto de vista não eurocentrado. A perspectiva decolonial deste pensamento aponta para um feminismo crítico, subalterno e antirracista que tenta avançar uma epistemologia contra hegemônica. Assim, parte-se de uma crítica ao feminismo clássico que deu voz a um grupo específico de mulheres, brancas, burguesas e heterossexuais, mas que deixou à margem outras vozes de mulheres não alcançadas por seu discurso.

O pensamento feminista decolonial aparece, assim, ligado ao feminismo negro e sua produção teórica que tomou em consideração a interseccionalidade entre gênero, raça e classe e que denunciou a invisibilidade das mulheres negras nas demandas feministas por igualdade de direitos na época. Importante demarcar que este feminismo acrescenta a subalternidade e invisibilidade das mulheres negras e indígenas da América Latina.

Vozes em harmonia

A explanação de Carol Dartora revela uma aproximação com esse feminismo de política decolonial. Afinal, ela coloca a urgência de se pensar a cidade a partir de categorias interconectadas, que juntas, operacionalizam desigualdades e ratificam estruturas de poder. Isto é, o espaço urbano e as contradições nele presentes só serão compreendidos por uma análise que apresente a interconexão de elementos como a raça, a classe e o gênero que, como afirma Ochy Curiel não são simples eixos de diferença e sim constituidores do sistema colonial moderno.

Coloca-se em diálogo, assim, a fala da palestrante com o pensamento de autoras que se situam nessa perspectiva crítica, como Lélia Gonzalez, em especial na construção de um feminismo afro-latino-americano. Como já alertava a autora brasileira (2020, p. 141), é comum encontrar um “esquecimento” da questão racial nas práticas e textos feministas, que são decorrentes da própria visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista.

Por isso é que se dá ênfase à questão racial para a construção de um feminismo decolonial, isto é, um feminismo compromissado com as lutas antirracistas, anticoloniais e anticapitalistas.

Por outro lado, destaca-se a necessidade de desconstruir o “mito da democracia racial” no Brasil, que não é senão a crença de que todos estão em posição igual e que se vive em grande harmonia racial

Por sua vez, iluminando um outro ponto do debate apresentado por Carol Dartora, verifica-se a convergência com o pensamento trazido pela autora Françoise Vergès, a qual também indica a posição contraditória de mulheres negras no espaço urbano. Vergès (2020, p. 20) explica que são essas as mulheres que “abrem” a cidade, isto é, levantam-se de madrugada, atravessam longos caminhos para higienizar o mundo, para tornar possível a vida de todos, para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e idosos.

São as mulheres racializadas imprescindíveis para o funcionamento da sociedade, são elas que tornam os demais trabalhos possíveis de serem feitos. Porém, são elas também invisíveis, podem circular na cidade, mas apenas como figuras fantasmagóricas e suas vidas são tidas como descartáveis.

Note-se que dessa invisibilidade também falou Dartora, uma vez que essas mulheres não são sequer levadas em consideração no planejamento e na formulação de políticas urbanas. Dessa forma, afirma-se a potência do debate trazido pela vereadora e reitera-se suas palavras, ante à urgência de mulheres que pensem e produzam espaços e vida digna para esse setor da população.

¹ ESPINOSA- MIÑOSO, Yuderkys (2014). Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. El Cotidiano, 184, pp. 7-12.